



BEGUINAS: MOVIMENTO LAICO DE ESPIRITUALIDADE CRISTÃ FEMININA NA BAIXA IDADE MÉDIA

BEGUINES: A LAY MOVEMENT OF FEMALE CHRISTIAN SPIRITUALITY IN
THE LATE MIDDLE AGES

BEGUINAS: MOVIMIENTO LAICO DE ESPIRITUALIDAD CRISTIANA
FEMENINA EN LA BAJA EDAD MEDIA

Rafael Ferreira Costa*
Marcos Roberto Nunes Costa**

RESUMO

As políticas de concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos (nobreza e clero) chegaram a níveis assustadores na Europa no início da Baixa Idade Média (séc. XI) gerando grandes problemas econômico-político-religiosos, dentre os quais, desigualdades sociais, que faria da pobreza uma das marcas registradas da virada no milênio, o que levou ao surgimento de muitos movimentos de espiritualidade cristã em defesa dos mais pobres, a chamada “espiritualidade pauperística”. Dentre esses movimentos, um merece destaque: as Beguinas ou movimento beguinal. Primeiro, por ser um movimento espiritual marcadamente feminino, pelo menos nas suas origens, abrigava mulheres das várias classes sociais. Segundo, por ser um movimento laico, criado à margem da Igreja Católica, que nunca se submeteu a tutela de

* Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em História, pela UFPE, Mestre em História da Arte, pela Universidade do Porto – Portugal, e doutorando em História pela UFPel. E-mail: rafael.fe.costa@gmail.com O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de financiamento 001.

** Doutorado em Filosofia pela PUCRS, Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade do Porto, professor efetivo do Departamento de Filosofia da UFPE. E-mail: marcosnunescosta@hotmail.com.



nenhuma instituição religiosa, bem como nunca se institucionalizou, sendo por isso condenado e perseguido pelas autoridades eclesiásticas, mas que atraiu vultuosos números de mulheres e resistiu por longos séculos. Eis o que iremos apresentar neste artigo.

Palavras-chave: Beguinas; Espiritualidade Pauperística; Movimento Feminino Laico.

ABSTRACT

The policies of concentration of wealth and power in the hands of a few (nobility and clergy) reached frightening levels in Europe at the beginning of the Late Middle Ages (XI century) generating major economic, political and religious problems, among which, social inequalities, that would make poverty one of the hallmarks of the turn of the millennium, which led to the emergence of many movements of Christian spirituality in defense of the poorest, the so-called “pauperistic spirituality”. Among these movements, one deserves to be highlighted: the Beguines or beguinal movement. First, because it was a markedly feminine spiritual movement, at least in its origins, it embraced women from various social classes. Second, because it is a secular movement, created outside the Catholic Church, which has never been submitted to the tutelage of any religious institution, nor has it ever been institutionalized, being therefore condemned and persecuted by the ecclesiastical authorities, but which attracted large numbers of women and endured for centuries. Here is what we will present in this article.

Keywords: Beguines; Pauperistic Spirituality; Secular Women's Movement.

1 CONTEXTO POLÍTICO-HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO MOVIMENTO BEGUINAL

O movimento beguinal surge entre os séculos XII e XIII como reação às crises econômico-político-religiosas geradas pelas políticas de concentração de riquezas e poder nas mãos das elites europeias medievais (nobreza e clero). Dentre os problemas resultantes, podemos destacar as desigualdades sociais e os conflitos a fragilização das relações de poder entre Estado e Igreja. Ou seja, nas camadas mais pobres se viu a crescente miséria, enquanto nos grupos de poder, ocorreu o enfraquecimento das práticas de colaboração entre civis e religiosos, cuja moral foi corrompida política e religiosamente. Frente ao supracitado estado de crise generalizada, muitas foram as reações de busca de novas posturas que buscassem resolver, ou pelo menos amenizar, os seus efeitos decorrentes.

No que tange ao âmbito religioso, o qual nos interessa aqui, muitos foram os movimentos que eclodiram nos dois primeiros séculos do novo milênio em defesa de reformas, tanto a nível de Igreja, no sentido institucional, como, por exemplo, a famosa

“reforma gregoriana”, como num sentido mais amplo de Igreja, como povo de Deus ou cristianismo. E dentre os movimentos emergentes merece destaque aqueles da chamada “espiritualidade pauperista”, sendo alguns oriundos, abraçados ou legitimados pela própria Igreja, como é o caso do franciscanismo, mas também os que, apesar de surgirem no seio da Igreja, não foram legitimados por ela, pelo contrário, condenados como heréticos. Já as beguinhas não se encaixam nas duas opções anteriores, pois nasceram à margem da Igreja como movimento espiritual majoritariamente feminino. Apesar de, no decurso do tempo, tenham aceitado a participação masculina – denominada “beguinos” ou “bergados” –, sua origem é composta apenas por mulheres, personagens centrais deste trabalho. Daí Eduardo Ortega Martín dizer que durante os primeiros séculos do Baixo Medievo “houve uma *igreja invisível*, o verdadeiro povo de Deus, ao lado de, ou incluso dentro da Igreja poderosa [...]. *Filhos bastardos* da Igreja poderosa, maltratados espiritualmente e as vezes oprimidos e perseguidos ([s.d]., p. 246). Seja como for, todos estavam preocupados em delinear uma nova política/espiritualidade voltada para a causa dos mais pobres. Ou seja, frente

à riqueza e ao luxo da alta hierarquia eclesiástica e da nobreza, os movimentos pauperísticos opunham sua vida de simplicidade e de pobreza; aos complicados códigos canônicos, preferiam a transparência do Evangelho; à voracidade e avidez pelo acúmulo de bens materiais, preferiam a partilha fraterna dos bens e de sua própria vida em mutirão; aos lugares de honra e aos privilégios do poder, empenhavam-se no serviço fraterno das pessoas e grupos socialmente marginalizados; em vez de uma organização imperial de feição piramidal, como o Império Romano e outros impérios, lutavam por uma organização horizontal de sua vida social, econômica, política, cultural e religiosa (CALADO, 2012).

Dentro deste emaranhado de movimentos pauperistas merece destaque aqueles encabeçados e/ou constituídos por mulheres, o que leva a comentadora Maria-Milagros Rivera Garretas a definir os séculos XII e XIII como os séculos dos movimentos espirituais das mulheres. Para ela,

são os séculos de expansão dos movimentos políticos e sociais, mais de mulheres que de homens, como as beguinhas e beatas; são também os séculos da heresia amalriciana, da cultura trovadoresca, de Leonor de Aquitânia (1122-1204), famosa por sua independência simbólica, cuja filha, rainha de Castela, Leonor Plantageneta (1156-1214) [...] civilizou as relações políticas da Corte Castelhana. É o tempo da eclosão da grande mística beguina – que fizeram teologia na língua

materna -, da heresia Guilhermita, do movimento do Livre Espírito (2005, p. 97).

Portanto, as beguinhas – este movimento peculiar de espiritualidade feminina laica – não nasceu ao acaso, mas sim num contexto histórico propício para movimentos motivados pela espiritualidade pauperística dos séculos XII e XIII, cuja similaridade em seus princípios geram aproximações e compartilhamentos. Leandro Oliveira ressalta, inclusive, que “pode-se constatar uma transversalidade nos movimentos espirituais que se influenciam mutuamente” (2018, p. 50). E dentre as espiritualidades pauperísticas que perpassam a todos os movimentos posteriores, os comentadores aponta o “movimento do Livre Espírito”, que por sua vez nasce dos ideais dos chamados “franciscanos espirituais”, um grupo dissidente dos franciscanos, no qual destacam-se Joaquim de Fiori¹ e Pedro de João Olivi (1248-1298), este último, tido como “o mártir não canonizado da causa beguina” (MAGALHÃES, 2014, p. 84).

1.1 Origem, definição e evolução do movimento beguinal

Até onde os dados nos permitem dizer, o movimento que veio a se chamar “beguinhas”, tiveram seus primeiros registros na França, mais especificamente na região da Diocese de Lièges. Nascido a partir de atividades desenvolvidas por mulheres isoladas, que mais tarde se juntaram em ações comunitárias, oriundas de diversas classes sociais, instadas pelo espírito de servir aos pobres, lançaram-se à prática da caridade, sem que para tal estivessem vinculadas a nenhuma instituição eclesiástica, mas como simples “voluntárias da caridade”. Mas se numa primeira fase o “beguinato” se caracterizava por um movimento de cunho mais particularizado, ou de umas poucas mulheres que se uniam para fazer trabalhos caritativos, instadas pelo modelo de espiritualidade dos movimentos pauperistas em voga nos primeiros séculos da

¹ A esse respeito diz o comentador Nachman Falbel, na primeira parte do seu artigo sobre “as heresias nos séculos XII e XIII”: “[...] chamamos a atenção especial para o papel desempenhado por Joaquim de Fiore que poderia ser considerado como a fonte principal das heresias populares, que em um aspecto ou outro, sofreram influência de suas ideias e visões apocalípticas. Em grande parte das heresias vemos a presença espiritual do místico calabês” (1969, p. 330). E na parte seguinte resume o que defendia Joaquim de Fiore: “Joaquim não pôs como centro de sua teologia da História a Cristologia, como até então se fizera, mas a Trindade. Às três pessoas em Deus fez corresponder três épocas diversas (*status*) da história da salvação; a idade superior a Cristo ou Idade do Pai, dominada pela letra da lei e pela carne, a época dos desposados e dos laicos; a Idade do Filho (42 gerações de 30 anos cada uma, segundo *Mt*, 17) que representa um estágio intermédio entre o espírito e a carne, época dos clérigos; enfim, a terceira e última idade, a do Espírito Santo dos monges, a partir de 1260, na qual o *Evangelium eternun* (*Apc* 14, 6), isto é, uma interpretação espiritual superior (*intelligentia spiritualis*) dos dois Testamentos teria sido pregada por uma nova ordem monástica (*Ordo iustorum*) e a corrompida Igreja da carne teria cedido o lugar à perfeita Igreja do espírito” (*Ibid.*, 1970, p. 282).

virada do milênio, com o passar do tempo, o número delas cresceu consideravelmente. À medida que tomavam consciência de que não se tratava simplesmente de ações voluntaristas individualizadas, mas que haviam chegando a um nível de um movimento espiritual próprio, daí que sentiram a necessidade de se organizarem, buscando dar identidade ao movimento. Para tal, começaram por se reunirem em pequenas comunidades e/ou associações, que se caracterizavam por conglomerados de casas em determinadas áreas urbanas - hoje, uma espécie de vila, ou bairro, ou condomínio -, geralmente nos meios mais pobres das cidades, onde residiam uma ou mais mulheres por casas, chegando a agregar números vultuosos de casas. Paloma Oliveira, ao citar Rude Salviano Almeida, diz que por vezes “esses agrupamentos de pequenas construções, *Begijnhof* (Holanda) ou *Béguinage* (Bélgica), compreendem um quarteirão cercado por pequenas habitações, com uma capela ao centro” (ALMEIDA *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 43), e completa dizendo que os beguinatos

geralmente estão rodeados por um muro e isolados da cidade por portões. Elas podiam usufruir dessas habitações, conhecidas como beguinarias ou beguinatos, e abandoná-las a qualquer momento de suas vidas para ir a outras comunidades de beguinatas, servir aos pobres ou até casar e constituir família (*Ibid.*).

Em alguns casos era tão grande a quantidade de casas que Elena Martínez-Millana chega a dizer que “os beguinatos são cidades dentro de cidades” (2017, p. 1402). Mais do que isto, noutro artigo, a mesma comentadora diz que as beguinatas revolucionaram o conceito de “domesticidade”, ou de “casa”, a qual tinha sua origem na palavra romana “*domus*”, que subtendia uma comunidade familiar patriarcal, ou seja, vivendo numa propriedade de um “*dominus*” – o que significava estar sob o comando de um dono ou um senhor, centrado na figura do pai. Os beguinatos destroem essa concepção, colocando o comando nas mãos das mulheres, de todas as ocupantes da casa, que democraticamente escolhiam uma como mestra, mas não como detentora de poder total, muito menos como dona ou proprietária (cf. 2020, p. 213)².

² Para maiores informações sobre a arquitetura dos beguinatos, que apresentavam formatos diversos a depender do local e/ou funcionalidade, ver o artigo: MARTÍNEZ-MILLANA, 2017, p. 1397-1406, notadamente o tópico 5.3 Los beguinatos: conjuntos híbridos medievales, p. 1402-1404.

Também chegaram a cifras vultuosas o número de mulheres que aderiram ao movimento. Só a título de exemplo, Maruzania Dias, diz que “por volta do ano 1200, elas se concentravam em 298 comunidades presentes em 111 cidades do Sul dos Países Baixos” (2010, p. 43). Claudia Optiz, por sua vez, exemplificando o caso da Alemanha, diz que “Colonia contava, até meados do século XIV com 169 conventos de beguinias que albergavam 1.170 mulheres; em Estrasburgo existiam, na mesma época, ao redor de 600 beguinias (2018, p. 351). Reforça esta informação Claudia Salé, ao dizer que “somente na Alemanha, chegaram a contar 200.000” (2013, p. 11). E apresenta alguns motivos para esse rápido crescimento, ao descrever o perfil das mulheres que aderiam ao movimento:

Uma conjuntura especial é a causa deste novo fenômeno. O número de mulheres não casadas ou viúvas é muito importante, provavelmente devido a massiva partida de soldados as cruzadas. O convento, o claustro é a única possibilidade de viver uma vida contemplativa ou representa simplesmente, nessa época, um refúgio para uma mulher sozinha. A procura pelos conventos é tão grande que rapidamente se saturam. Assim, algumas mulheres que não são aceitas nos claustros começam a instalar-se próximo de igrejas ou conventos, ou hospícios, primeiro individualmente, depois em pequenos grupos [...]. Com o tempo, empenham-se a criar comunidades autônomas realizando trabalhos de tingir, fiar, lavar, que lhes permite ter uma autonomia material. O ócio é proibido, inclusive para as beguinias ricas que não necessitam trabalhar para viver. De fato, algumas delas vieram da burguesia endinheirada ou de famílias nobres, e algumas ainda estavam casadas³ (2013, p. 11).

Ana Paula Magalhães, por sua vez, ressalta que uma das causas de muitas mulheres não se casarem estava “em função da impossibilidade de oferecer um dote satisfatório” (2014, p. 64), dada a baixa condição financeira da família, e, conseqüentemente, também não podiam custear a vida num convento, daí também não serem aceitas nas casas religiosas da Igreja, motivo pelo qual procuravam as comunidades das beguinias. Paloma Oliveira reforça essa tese ao dizer que as mulheres [de baixa renda] eram excluídas dos conventos, por conta “do alto custo para ingressar nessas instituições, pois se tornar freira exigia certas taxas que muitas não poderiam custear. Entrar para o mundo das beguinias, portanto, poderia ser um

³ Edith González Bernal, acentua que, não obstante a grande maioria das mulheres que aderiam ao beguinato serem oriundas das classes pobres, “algumas beguinias eram mulheres que tinham muitos bens e os colocava ao serviço do beguinato, posto que para ser beguina a única condição era ser mulher e querer levar uma vida de piedade, de caridade e de serviço ao demais. As beguinias ademais buscaram um modo de vida para manter sua economia mediante os trabalhos que realizavam” (2015, p. 65-66).

caminho cuja liberdade lhes acompanharia e lhes legitimariam enquanto mulheres livres e espiritualizadas” (2020, p. 41). Com isto, diz Victoria Cirlot e Blanca Garí, “estas mulheres saem do controle das duas únicas instituições pensadas socialmente para elas: o casamento e a clausura” (CIRLOT ; GARÍ, 1999, p. 24). Igualmente Maruzania Dias, ao enfatizar a grande quantidade de beguinatos nos primeiros séculos da Baixa Idade Média, diz que “essas verdadeiras cidades de pessoas do mesmo sexo ofereceram às mulheres de classe média e baixa uma alternativa ao casamento e à vida conventual” (2010, p. 43). Esta é a fase que dá ensejo a definição de beguinatas dada por Chiara Zamboni, a qual diz que

as beguinatas eram mulheres que decidiam seguir uma vida de cunho religioso, vivendo juntas em certos quarteirões da cidade grande. Não estavam ligadas a nenhuma autoridade da Igreja [...]. Escolhiam um gênero de vida modesto, que se aproximava aos movimentos religiosos mais radicais, tendo a pobreza como modo de vida (1997, p. 30).

Com o passar dos tempos, algumas mulheres pensaram em se organizarem em grupos maiores, passando a viver em uma única casa, se aproximando do formato de “comunidades, ou congregações ou ordens religiosas” da Igreja católica, inclusive copiando e adequando à sua realidade as “regras monásticas” destas, bem como a se vestirem de forma uniforme (uma espécie de abito religioso), sem que com isto caíssem nas malhas da Igreja. Inclusive essa sua maneira própria de se vestir, seria uma das três prováveis origens da palavra beguina, conforme nos informa a escritora Hildegunda Keul, ao dizer que

não está claro a origem da palavra ‘beguina’. O fato de que evoca sua roupa sem ser tingida (*beige*) desempenha sem dúvida certo papel em que se impusesse este nome, que se atrelasse estas mulheres ao movimento pauperístico. A guisa da ideia de seguir a Jesus em sua unidade do amor a Deus e ao próximo (2016, p. 52).

Não obstante, alguns comentadores levantaram uma segunda hipótese para a origem nome, como é o caso do *Dizionario di Mistica*, que em seu verbete “beguina”, diz:

O termo francês *begin[e]*, originalmente utilizado no Brabante Meridional, nos territórios de Liège e nas regiões renanas, pode ser uma corrupção popular de albigenses, mais provavelmente, do antigo anglo-saxônico *beggen* (pregar, mendigar), ou ainda, mais provavelmente, do antigo francês *bege* (tipo de lã grossa ou não tingida) com o sufixo *inus*, ou seja, *beg(u)inus*, é a pessoa que usa

vestes dos hereges (cátaros ou lolardos) (BORRIELLO, *et al.* (orgs.), 1998).

Embora se costume destacar que o beguinato não nasceu em torno de um santo ou fundador, como é comum nas Ordens religiosas católicas, André Luís Miatello, seguindo as pegadas de Scheffer-Boichorst, dá-nos notícias de uma terceira versão para origem da palavra “beguina”. O autor associa o termo ao nome de padre Lambert Le Bègue (o Gago), sacerdote de Liège:

Como parte das multiformes expressões de renovação espiritual e eclesial, que caracterizaram o século XII, o movimento beguino não conhece uma data exata de nascimento e/ou um nome específico de um fundador ou fundadora. O que dá para dizer é que as mais antigas comunidades beguinas surgiram nos Países Baixos, mais particularmente no território da diocese de Liège, que era, naquele século, um principado episcopal. O monge cronista da abadia flamenga de Trois-Fontaines, chamado Alberico (m.c.1251), afirmava que, em 1177, Liège estava tomada por um tipo de novo de vida religiosa [*nove religionis*], que ele associava à pregação de um sacerdote secular, cujo nome era Lambert, o Gago [ou *le Bègue*] (*apud* MIATELLO, 2022, p. 3).

Ou seja, “beguinas” era o nome dado pelos adversários de Lambert as religiosas por ele protegidas, as quais se associavam em comunidades laicas, ou não subordinadas à Igreja oficial.

Embora um importante documento anônimo citado por Silvia Bara Bencel, intitulado *Regla dos autênticos amantes (La règle des fins amans)*⁴, escrito provavelmente por uma beguina nos finais de 1300 na França, apresente outro nome ao qual o movimento estaria ligado nas suas origens, sendo, portanto, mais uma hipótese para seu significado, a saber:

La *Regra* oferece ademais uma etimologia do nome ‘beguina’, e assinala que ‘beguina’ vem do latim ‘*benigne; (benignae)*, quer dizer, ‘bom fogo’: as beguinas são estes fogos bons, que iluminam aos que estão cegos, por seu testemunho de vida, e que esquentam aos que lhe cercam, pelo fervor de seu amor a Jesus Cristo e o calor da presença do Espírito Santo nelas, que por sua castidade são templo

⁴ A referida comentadora ressalta que apesar de se apresentar como um *Regra*, “não se trata de uma regra para uso, cheia de prescrições, ainda que se aluda a maneira de vestir, de conversar, de orar, ou de relacionar-se com o ‘Pai’ ou com a ‘Mãe espiritual’. Mas, sobretudo, menciona a atitude interior e o significado espiritual de ser beguina, verdadeira amante de Jesus Cristo, o ‘abade dos amantes’. E demonstra como entendiam as beguinas seu peculiar estilo de vida, como religiosas da ‘Ordem dos autênticos amantes’” (2016, p. 69). Que segundo nela, “em duas ocasiões se diz explicitamente: ‘A ordem dos autênticos amantes é ser beguina’ (*Li ordres des fins amans est beginaiges*)” (*Ibid.*, p. 69, nota 37).

do Espírito. Explica ademais ‘porque são chamadas beguinas’, pelo nome de ‘seu pai’, seu fundador, um tal ‘Jehans li beguins’ de Lieja, ainda que ‘seu nome correto é o de religiosas de Nosso Senho’, ‘que morreu por amor, para dar-nos vida’ (2016, p. 72).

O certo é que o termo “beguina” surgiu já nos primeiros momentos do movimento beguinal, como, por exemplo, na *Vitae* de Marie d’Oignies (1215), apontada como uma das primeiras beguinas, que fora escrita por Jacques de Vitry, seu amigo e confessor espiritual.

Mas, como o movimento era muito eclético, apresentado perfis diversos de mulheres a ele ligadas, estas recebiam nomes diferentes em outras regiões, de forma que, seguindo Silvia Bara Bancel, “as beguinas de Flandes e Brabante são equivalentes a outras mulheres devotas, que recebem diversos nomes em distintos países, todas elas membros de grupos laicais de carácter penitencial, em meio ao mundo” (2016, p. 58). Também foram tratadas genericamente por *mulieres religiosae*, nome que foram escolhido, segundo, María del Carmo García Herrero,

porque se trata de uma denominação talvez pouco precisa, mas muito útil, já que engloba a todas aquelas mulheres, geralmente solteiras ou viúvas, mas também em alguns casos separadas de seus maridos, que escolheram uma existência em solidão ou em companhia de outras, tentando ajustar-se aos ideais evangélicos, entregando-se à prática religiosa e intervindo no mundo de muitas e diversas maneiras, mas com a finalidade de realizar um caminho próprio de crescimento e para ajudar material e espiritualmente a outras pessoas. A maioria das *mulieres religiosae* viveram sem sujeitar-se a nenhuma regra concreta e optaram por um itinerário distinto as duas grandes saídas que a sociedade do Baixo medieval, em general, oferecia a maioria das mulheres: o matrimônio ou o convento ou monastério (2013, p. 301).

Retomando a questão desta fase de “institucionalização”, as beguinas chegaram a instituir uma certa hierarquia interna nas comunidades religiosas por elas criadas, onde passou a existir a figura de uma “superiora”, embora tivesse o papel muito mais de “mestra” do que de poder. Esta é a fase que aparece, por exemplo, nas palavras de Josep-Ignasi Saranyana, que diz:

Ainda hoje se discute muito acerca da origem das Beguinas. O mais provável é que se tratava de associações de mulheres piedosas que levavam vida em comum sob a direção de uma ‘mestra’ e se dedicavam à piedade e às obras de caridade (1999, p. 248-249).

Ao que reforça as comentadoras Victoria Cirlot e Blanca Garí, ao enfatizar que a partir de um determinado período as beguinhas, até então comunidades livres, vão se organizando hierarquicamente, de forma que começam a “aparecer as *congregações de beguinhas disciplinadas* que se submetem a uma certa regra de vida, obedecem a uma *magistra* [...]. Pouco depois se levantam os primeiros recintos de beguinhas, chamados de *curtis* ou *beguinatos*” (1999, p. 84). Ou seja, é a fase em que se tinha uma vida, por assim dizer, “semirreligiosa”. Mais do que isto, as beguinhas não só não vinculavam ou subordinavam suas “comunidades, congregações ou ordens” a Igreja católica, mas, em alguns casos, como é o caso de Marguerite Porete, chegava a se apresentar como uma “nova Igreja”, a “verdadeira Igreja”, a que chama de “grande Igreja”, “dos perfeitos”, contrapondo-a a Igreja católica, a que chama de “pequena Igreja”. E houve até quem buscou colocar isto em prática, como é o caso da comunidade reunida em torno de Guglielma de Milão, acerca da qual nos fala Adriana Valério:

Alguns anos antes da morte de Porete, sabemos da existência de uma comunidade reunida em torno de Guglielma de Milão († 1289), venerada como encarnação do Espírito Santo. Guglielma havia reunido à sua volta crentes em constante escuta de suas palavras inspiradas e, quando da sua morte segundo a natureza humana, havia designado uma discípula, Maifreda, como sua vigária. Ela, de fato, por ser encarnação do Espírito Santo, iria subir ao céu, no Pentecostes de 1300, na presença de seus discípulos, para elevar as mulheres e para instaurar uma nova igreja com hierarquia feminina. Maifreda, na esperança de ser eleita papisa, pregava, exercitava poderes sacerdotais, fazia-se chamar Vigária, solicitando de seus seguidores gestos de obséquio usualmente reservados ao papa (2005, p. 372).

Portanto, ressaltamos, apesar de marcar o início de um processo de “institucionalização”, nem por isso as beguinhas estavam sujeitas a “instituição católica”. Ou seja, tratava-se de mulheres laicas que, segundo André Vauchez, “viviam em comunidade sob a direção de uma delas, sem pronunciarem votos religiosos propriamente ditos e associando o trabalho manual e a assistência aos doentes a uma intensa vida de oração” (1995, p. 120).

Paloma Oliveira, destaca que uma das fortes características das beguinhas era adequação que faziam entre a vida prática e a vida contemplativa, entre o trabalho prático, seja ele para tirar o sustento da casa, seja nas atividades pastorais junto aos pobres, e a oração, ou seja, “elas não se isolavam, nem demonstravam superioridade,

viviam em suas comunidades e não se incomodavam com o contato com o mundo que, nas palavras de Ciriot & Garí (1999), era o verdadeiro monastério” (2020, p. 46). Mais do que isto, uniam tudo mais a uma intensa atividade de leituras e estudos como ressalta Sílvia Bara Bancel, ao responder as perguntas por ela mesma formuladas:

Quem foram as beguinhas? E por que continuam suscitando um enorme interesse em nossos dias? Esta forma de vida, original e nova em suas origens, integrava a vida ativa, o trabalho manual e a atenção a pobres e enfermos em meio as cidades, com uma profunda experiência contemplativa, de oração, leitura e estudo (2016, p. 51).

E dentre os textos/autores lidos e estudados pelas beguinhas merece destaque os Santos Padres da tradição católica e as Escrituras Sagradas. Nesse sentido, o já referido texto anônimo *Regla dos autênticos amantes (La règle des fins amans)* nos dá uma amostra de quão rico era o elenco de Padres/textos a que as beguinhas tinham acesso. Nele, diz Silvia Bara Bancel,

se menciona a São Jerônimo e São Bernardo (p. 193), São Gregório (p. 198), Santo Agostinho (p. 199) e Santo Isidoro (p. 204). E ademais de aludir aos Evangelhos, se refere a São Paulo (p. 193, 195, 196, 201); a Salomão (p. 193, 195, 201); a David (p. 193, 195); a São João evangelista (p. 195, 201), e a três figuras femininas: Madalena, que amou ardentemente a Jesus (p. 194); e ‘a bendita Virgem Maria’, ‘abadessa do convento do paraíso’ e modelo de humildade (p. 198); e a rainha de Saba, modelo de contemplação, pois vindo desde o fim do mundo para ver a Salomón e, quando viu as maravilhas de seu reinado, ‘se pasmou’ (*se pasma*), entrou em estado de contemplação (p. 201). Também São Paulo e São João são apresentados como modelo de êxtase contemplativo (*en ravissement*) (2016, p. 67, nota 30).

O beguinato não era, portanto, uma espiritualidade desengajada, reclusa na vida de oração, pelo contrário, diz Rute Salviano Almeida,

as beguinhas estavam no ‘mundo’ para ser sal e luz, e essa liberdade de leigas concedeu-lhes a oportunidade de associarem a vida contemplativa com a caridade, o trabalho com a pregação. Elas não almejavam o ideal puramente ascético de perfeição cristã; não queriam ficar fechadas dentro das paredes de um monastério voltadas para Deus e sua própria vida espiritual. Para elas, mais importante que a contemplação era o exemplo de Cristo a ser seguido (2011, p. 135 - 136).

Rosamaría Aguadé reforça essa informação ao dizer que

as tarefas levadas a cabo nos beguinatos eram diversas e variavam em cada um deles. Havia os dedicados ao trabalho manual, especialmente aqueles relacionados com a manufatura têxtil, que tanta importância adquiriu nos séculos XII e XIII nas cidades dos Países Baixos e do Norte da Europa; havia os dedicados ao cuidado de enfermos, seja fora dos domicílios ou nas enfermarias estabelecidas em seus próprios beguinatos. Também havia os dedicados desde o princípio ao ensino e podiam ter suas próprias escolas para acolher especialmente as meninas necessitadas. E, finalmente, alguns deles desenvolviam um trabalho cultural mais complexo de divulgação da cultura religiosa em latim, e, inclusive, um trabalho de cópia e transmissão de manuscritos [...]. Seja qual for o trabalho realizado, os beguinatos concentravam um peso econômico importante e tiveram protagonismo social nas cidades onde se encontravam. Algumas beguinas levaram uma vida itinerante, trasladando-se de uma cidade para outra num trabalho de pregação e evangelização (2010, p. 41).

E para tal, assumiam uma postura de humildade, não só morando no meio do povo, mas falando (pregando) e escrevendo na língua dele, para que se fizessem ouvir, conforme acentua Edith González Bernal, ao citar Rafael Alarcón, que diz: “Quando o único idioma formal era o latim, elas se atreveram a escrever em línguas e dialetos locais para que todos pudessem entendê-las” (*apud* 2015, p. 67). Com isto, diz Luisa Muraro, “as escritoras beguinas do século XIII inventaram uma teologia em língua materna e foi por este caminho por onde chegaram a Dios” (2006, p. 76). E assim, o expressar-se na língua vernácula passaria a ser outra importante característica da espiritualidade pauperista das beguinas, na contramão da Igreja, que até então usava a língua latina com o instrumento de controle e dominação das práticas religiosas, daí as beguinas terem sido alvo de críticas, denúncias e perseguições por parte de membros do clero, como, por exemplo, a que vemos nas palavras do franciscano Gilbert de Tournai, ao denunciá-las ao Papa:

Há entre nós mulheres chamadas beguinas. A algumas lhes atraem as sutilidades do pensamento e sentem prazer pelas novidades. Andam interpretando em língua vulgar os mistérios das Escrituras. Leem habitualmente, com irreverência, com audácia, em pequenas reuniões, nas salas de costura e em plena rua. Eu vi pessoalmente, li e tive entre minhas mãos a Bíblia em língua vulgar [...]. Os livros perigosos devem ser destruídos para que o verbo divino não se banalize em língua vulgar (*Collectio de scandalis ecclesiae Archivium franciscanum historicum apud* CIRLOT ; GARÍ, 1999, p. 24).

Não obstante prezarem pela intelectualidade, tendo ou saindo dos seus quadros grandes mulheres intelectuais⁵, as beguinas se destacaram também por seus trabalhos prestados na formação educacional dos mais humildes, principalmente das meninas e mulheres que aderiam ao movimento, as mais prejudicadas ou excluídas dos meios convencionais de educação da época. Inclusive preparando-as para atividades relacionadas à intelectualidade, como por exemplo, como copistas e/ou ilustradoras de livros (na arte das iluminuras), como forma de ganharem o seu sustento. Por tudo isto, Maria-Milagros Riveras Garretas assim sintetiza/define o que teria sido o movimento espiritual das beguinas enquanto movimento autônomo:

As beguinas quiseram ser espirituais, sem ser religiosas; quiseram viver entre mulheres, sem ser monjas ou abadessas; quiseram rezar e trabalhar, porém fora de mosteiros; quiseram ser fiéis a si mesmas, porém sem votos; quiseram ser cristãs fora da igreja institucional e das heresias; quiseram experimentar sua materialidade corporal, mas sem ser canonizadas ou demonizadas. Para fazer possível no seu mundo este desejo pessoal, inventaram a forma de vida beguina, uma forma de vida refinadamente política, que supõe estar além da lei, não contra lei. Nunca pediram ao papa chancela em sua vivência e convivência, nem tampouco se rebelaram contra a Igreja (2005, p. 113).

A comentadora Hildegunda Keul reforça esta informação ao dizer que as beguinas

não viviam em clausuras, não faziam votos perpétuos e podiam abandonar sua condição de beguinas para casar-se ou ingressar em um monastério. Porém viviam sob os três conselhos evangélicos e

⁵Maria José Caldeira do Amaral, ao definir o que vêm a ser as beguinas, acaba por nos fornecer uma lista das principais mulheres intelectuais medievais que fizeram parte desta heresia: “As ordens religiosas femininas se organizam e são tradicionalmente constituídas de acordo com as normas aprovadas pelas autoridades eclesiais. No seio da vida religiosa cristã surgem as *Mulieres religiosae* – termo usado na época para resguardar as formas menos estruturadas de vida pessoal, religiosa e devocional de mulheres que não possuíam o *status* social convencional: não casavam, não entravam na vida religiosa da Igreja, abandonavam o lar de origem e viviam uma vida de castidade, devoção, caridade e oração. Para Bernard McGinn, o inesperado fato de um grande número de mulheres seguirem o modelo do *pathos* de Maria Madalena na história da redenção e salvação de Cristo, como modos de vida mística e devocional, surpreende em toda Europa medieval, nos séculos XII, XIII e XIV. Essa forma de vida religiosa, extraclaustrada e semi-religiosa, teve sua origem nos países de língua germânica, no vale do Reno, como é o caso de Hadewijch de Antuérpia, Beatriz de Nazareth e Mechthild de Magdeburgo, nos séculos XI e XII; Ângela de Foligno, no final do século XIII, e Catarina de Sena, no séc. XIV, na Itália; na França, Margarida d’Oingt (Lyon) e Marguerite Porete (Valencia); na Inglaterra (séc. XV), Juliana de Norwich; Guilherma de Boêmia que viveu em Milão em 1260, como beguina” (2012, p. 51).

assumiam responsabilidades em suas comunidades. As beguinias se autossustentavam, por exemplo, com a confecção de tecidos, trabalhavam como curandeiras e acompanhantes espirituais com enfermos, moribundos, viúvas, prostitutas e marginalizados (2016, p. 52-53).

1.2 Expansão, condenação e persistência do “beguinato” na história

No decurso de cerca de dois séculos o movimento beguinal cresceu assustadoramente, expandindo-se por diversos Países da Europa, alcançando um número de adeptas considerável. André Luís Miatello, citando Henry Laurd, por exemplo, diz que segundo a *Chronica Majora*, do monge inglês Matthew Paris (1200-1259), da abadia beneditina de St. Albans,

por volta de 1243, principalmente na Alemanha, surgiram religiosos, de ambos os sexos, porém, sobretudo de mulheres, que vestiam hábitos religiosos, se bem que [sob uma forma] mais leve, e professavam votos privados de celibato e de simplicidade de vida; eles não estavam ligados à regra de nenhum santo nem habitavam claustro algum. O número dessas mulheres, em pouco tempo, se multiplicou bastante: na cidade Colonia e nas regiões vizinhas elas atingiram a cifra de duas mil [beguinias] (*apud* MIATELLO, 2022, p. 3-4).

Por sua insubordinação institucional e pelo tipo de espiritualidade que viviam, as beguinias não eram reconhecidas pela hierarquia oficial da Igreja, antes, pelo contrário, foram consideradas heréticas. No Concílio de Viena, em 1311-1312, foram acusadas de serem adeptas ou simpatizantes da “heresia do Espírito Livre”, conforme informa Jeffrey Richards:

Beguinas e beguinos foram acusados e sentenciados por serem adeptos da ‘heresia do Espírito Livre’. ‘O Espírito Livre’ era um estado de espírito, relacionado estritamente com o movimento místico ortodoxo. Seus adeptos eram indivíduos, muitos dos quais mulheres, cuja principal motivação era a busca da perfeição espiritual. Eles esperavam atingi-la através da imitação da vida apostólica e enlaçando, no decorrer de suas vidas, uma união total e permanente com Deus. De fato, acreditavam que alcançar este estado de perfeição os tornaria incapazes de pecar e os libertaria das restrições morais convencionais e da obediência à Igreja. Esta posição de amoralismo teórico facilitou aos adversários do Espírito Livre deduzir dela um padrão de imoralidade real e ativa. Mas, na realidade, eles acreditavam que a perfeição só poderia ser alcançada pela prática do extremo ascetismo e de uma vida apostólica (1993, p. 73).

E, na página seguinte, conclui: “No concílio de Viena (1311-312), o papa Clemente V editou uma Bula que denunciava a heresia do *Espírito Livre* e condenava as beguinias por violarem a proibição da criação de novas ordens” (*Ibid.*, p. 74). Mas, apesar de condenadas pela Igreja, Sandra Ferrer Valero nos lembra que,

se por um lado as beguinias tiveram grandes detratores, também tiveram homens de Igreja que defenderam seu modo de viver: Roberto Gossateste, Roberto de Sorbon e o rei São Luís IX de França, chamado ironicamente de *o pobre rei das beguinias*. Jacques de Vitry, cônego agostiniano e futuro bispo de Acre, foi outro de seus defensores. Confessor e amigo de Marie d’Oignies (beguina), defendeu sempre as beguinias (2011, p. 1).

E isto desde o início, Jacques de Vitry, Bispo de Acre, e depois Cardeal de Tusculum, fora confessor das primeiras beguinias de Nivelles, dentre elas Marie d’Oignies. E segundo Silvia Bara Bancel, em 1230 as beguinias criaram sua primeira comunidade em Colonia, Alemanha, sob a proteção dos cisternienses. Dai, completa a comentadora, “ainda que as beguinias não dependessem diretamente de nenhuma Ordem, foram promovidas e receberam o apoio de religiosos, como dos cistercienses e, especialmente, das novas Ordens Mendicantes, franciscanos e dominicanos” (2016, p. 60). E até de Papas, pois também já nos tempos de Marie d’Oignies, por intermédio do referido Bispo, e depois Cardeal Jacques de Vitry, conseguiu do papa Honório III (1216-1227) “uma permissão para que as mulheres de Liège continuassem vivendo juntas em suas casas” (TORRES, 2019, p. 8). E um pouco depois, “entre 1231 e 1233, o Papa Gregório XI dirigiu aos bispos do Império várias Bulas de proteção em favor das beguinias, permitindo-lhes viverem em comunidade, sob a direção de uma Mestra, que elas mesmas designavam” (BARA BANCEL, 2016, p. 61).

Depois de serem condenados, muitos beguinatos passaram a viver camuflados entre a ilegalidade e a legalidade, sob a tutela ou supervisionados por alguém do clero ou, principalmente, das Ordens mendicantes, conforme destaca Rosamaría Aguadé:

Muitos beguinatos, quase sempre pequenas comunidades de três a doze beguinias, se estabeleceram próximo aos conventos de Franciscanos ou Dominicanos com os quais compartilhavam um estilo de vida, a pobreza evangélica, e uma forma de entender a vida religiosa que era por sua vez a mais simples e austera, mais espiritual e ao mesmo tempo mais próxima ao mundo em que viviam. Esta proximidade, junto a pressão das instituições eclesíásticas para potencializa-la, fez com que algumas beguinias evoluíssem e se

transformassem em comunidades conventuais vinculadas já de maneira regular as Ordens mendicantes; de fato, a grande maioria dos mosteiros de clarissas, franciscanas e dominicanas tiveram sua origem em algum beguinato (2010, p. 42)⁶.

E assim, cooptado pela Igreja católica, o beguinato perdurou por longos tempos, pelo menos até o século XVIII, conforme diz Ana Paula Magalhães:

Iniciado a partir do século XII em Liège, o modelo propagou-se sob o formato de casas organizadas para a vida em comum ao longo das rotas de comércio do noroeste europeu. Angariou ampla influência em centros como Colônia, onde as comunidades beguinas perduraram até o século XVIII (2014, p. 64).

E porque não dizer até o século XX/XXI, quando a última das beguinas, Marcella Pattyn, faleceu em 2013, no beguinato de Courtrai, na Bélgica, onde foi erguida uma estátua de bronze em sua homenagem (cf. OLIVEIRA, 2020, p. 51), bem como registra o fato *L'Osservatore Romano*, em matéria de 26.09.2020, intitulada: “*La ultima beguina*”, onde diz que a última beguina

se chamava Marcella Pattijin, nasceu em 1920 no Congo Belga e, cega de nascimento, vivia numa comunidade religiosa feminina em Sint-Amandsberg, na Bélgica. Morreu 2013 e o mundo a tratou como a “última beguina”: a pia Marcella havia perpetuado a tradição medieval que encorajavam a tantas mulheres a consagrar-se a Deus sem tomar o véu e desvinculadas do controle eclesiástico. Nem mulheres, nem mães, nem monjas: uma eleição de fé e de liberdade extrema, acompanhada de uma vida de oração, penitência, castidade, trabalho assistencial. A partir do século XII, esta realidade se difundiu na Europa do norte e as beguinas, aceitas e desautorizadas por fases alternas por parte da Igreja, foram geralmente acusadas de heresia, inclusive queimadas na fogueira como aconteceu em 1310 com a mística de flandes Margherita Porete, uma das figuras mais famosas junto a Hadewijck de Amberes, Maria de Oignies, Matilde de Magdeburgo. E, todavia, hoje o termo beguina é associado com apressada superficialidade ao pudor, o atraso, a renúncia intelectual (2020, p. 1).

⁶ Igualmente diz Edith González Bernal: “As beguinas tinham boas relações com pessoas que lhes protegiam, as orientavam, ou melhor, as escutavam em assuntos espirituais. Para elas, um aspecto relevante em seu movimento foi a aproximação com as Ordens mendicantes, com as quais compartilhavam ideais de pobreza, de oração, de meditação e de vida em comum” (2015, p. 72).

REFERÊNCIAS

- AGUADÉ, Rosamaría. **La querela de las mujeres (IV):** amor sin porqué. Margarita Porete y el lenguaje del descedir. Madrid: A. C. Almudayna, 2010, 135 p
- ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição:** a religiosidade no final da Idade Média, as beguinhas e Margarida Porete. São Paulo: Hagnos, 2011.
- AMARAL, Maria José Caldeira do. Mechthild de Magdeburgo, mestra e mãe da mística renana. **IHU ONLINE - Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos.** São Leopoldo, ano XI, edição 385, 2012.
- BARA BANCEL, Silvia. Las beguinhas y su «regla de los auténticos amantes» (règle des fins amans). *In: Mujeres, mística y política: la experiencia de Dios que implica y complica.* Estella: Editorial Verbo Divino, 2016. p. 52-91.
- BORRIELLO, L. *et al.* (orgs.). **Dizionario di Mística.** Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. O movimento das beguinhas: interfaces e ressonâncias em experiências sócio-religiosas femininas do presente. **Revista Consciência**, junho de 2012. Disponível em: <http://consciencia.net/o-movimento-das-beguinas-interfaces-e-ressonancias-em-experiencias-socio-religiosas-femininas-do-presente/>.
- CIRLOT, Victoria ; GARÍ, Blanca. **La mirada interior:** escritoras místicas y visionárias en la Idade Média. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1999, 313 p.
- DIAS, Maruzania Soares. **O gozo de Deus** - Uma análise lacaniana da experiência mística na obra de Marguerite Porete -. São Paulo: PUC-SP, 2010, 241 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião).
- FALBEL, Nachman. As heresias dos séculos XII e XIII (I - Introdução). **Revista de História**, v. 38, n. 78, p. 325-352, 1969.
- FALBEL, Nachman. As heresias dos séculos XII e XIII (II – Os Valdenses). **Revista de História**, v. 40, n. 82, p. 271-287, 1970.
- FERRER VALERO, Sandra. Mística beguina, María de Oignies (1177-1213). *In: Mujeres en la historia.* Disponível em: <http://grandesmujeresenlahistoria.blogspot.com.br/2011/04/mistica-beguina-maria-de-oignies-1177.html>.
- GARCÍA HERRERO, María del Carmo. Mujeres religiosas, predicación femenina y expectativas y actuaciones de doña María de Castilla, reina de Aragón. *In: VALDIVIESO, María Isabel del Val; JIMÉNEZ ALCÁZAR, Juan Francisco (coords.). Las mujeres en la Edad Media.* Murcia-Lorca: Sociedad Española de Estudios Medievales 2013. p. 299-328.
- GONZÁLEZ BERNAL, Edith. **Mística medieval femenina:** un acercamiento al lenguaje teológico de ayer y de hoy. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2015. 333 f. Tese (Doctorado en Teología).
- KEUL, Hildegund. **Matilde de Magdeburgo:** poeta, beguina, mística. Trad. de Almudena Otero Villena. Barcelona: Herder, 2016, 172 p.
- MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. Heresia, marginalidade e alteridade: apontamentos sobre o exercício da espiritualidade na Baixa Idade Média (séculos XII a XIV). **Dimensões**, v. 33, p. 61-88, 2014.
- MARTÍNEZ-MILLANA, Elena. Desmontando la domesticidad. Habitando las heterotopias. *In: TEJEDOR CABRERA, Antonio ; MOLINA HUELVA, Marta (comp.). IDA: advanced doctoral research in architecture.* Sevilla: Universidad de Sevilla, 2017, p. 1397-1406.

MARTÍNEZ-MILLANA, Elena. La domesticidad en los beguinatos. *In*: AMOROSO, Serafin *et al* (a cura). **More: expanding architecture from a gender-based perspective**. Firenze: Universita degli Studi di Firenze, 2020, p. 209-215.

MIATELLO, André Luís Pereira. As culturas da caridade das beguinatas de Marselha frente aos desafios da economia mercantil da Baixa Idade Média. **Revista de História**, n. 181, p. 1-20, 2022.

MURARO, Luisa. **El Dios de las mujeres**. Traducción y prologo de Maria-Milagros Rivera Garretas. Madrid: Horas y Horas, la Editorial, 2006, 236 p.

OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. **A mística do amor em Hadewijch de Amberes e Adélia Prado**: quando a união com o divino se traduz em poesia. João Pessoa: UFPB, 2020, 215 f. Tese (Doutorado em Letras).

OPITZ, Claudia. Vida cotidiana de las mujeres en la Baja Edad Media (1250-1500). *In*: DUBY, George; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres (2): la Edad Média**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2018, p. 294-357.

ORTEGA MARTÍN, Eduardo Manuel. **Heterodoxias medievales y su repercusión en la actualidad**. Granada: Universidade de Granada, [s.d.], 637 p. Tese (Doctorado en Historia y Arte).

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Trad. de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. **La diferencia sexual en la historia**. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2005 - 200 p.

SALÉ, Claudia. Las beguinatas. *In*: **La mística femenina en la región Renano-flamenca (Siglos XII y XIII)**: Noroeste de Europa. Traducción de Gabriela Koval Dieuaide y Ricardo Arias. Disponível em: <https://www.parclabelleidee.fr/docs/productions/La-mistica-femenina-en-la-region-reno-flamenca-Siglo-XII-y-XIII.pdf>. Postado em: Enero 2013.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **História de la filosofia medieval**. 3. ed. Pamplona: EUNSA, 1999.

TORRES, Andréa Reis Ferreira. Espiritualidade feminina e os limites da institucionalização das práticas e crenças religiosas no século XIII e início do XIV: considerações iniciais de pesquisa. *In*: 30º Simpósio Nacional de História – ANPUH – Brasil. Recife, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553252238_ARQUIVO_SNH_2019_Texto_Completo_Andrea_Torres.pdf.

VALÉRIO, Adriana. Teologia, o feminino. **Estudos Femininos**. Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 367-376, 2005.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental (séc. VIII-XIII)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ZAMBONI, Chiara. **La filosofia donna**: percorsi di pensiero femminile. Colognola ai Colli: Demetre, 1997.